

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O OFERECIMENTO DE DICAS NO ENSINO DO ROPE SKIPPING NA FEF-UNICAMP

Marina Brasiliano Salerno¹, Luís Otávio Mendes², Elaine Prodócimo³, Unicamp – Campinas – SP – Brasil, marinafef@yahoo.com.br, branco25@ig.com.br, elaine@fef.unicamp.br

A FEF-Unicamp oferece por meio de seus projetos de extensão universitária várias opções de atividades físicas à comunidade. Recentemente tivemos a oportunidade de atuar junto a um desses projetos, o de Rope Skipping. Trata-se de uma nova modalidade esportiva recém-introduzida no Brasil, cuja prática consiste basicamente em pular corda de diversas maneiras. Atualmente já existem campeonatos nacionais e regionais de Rope Skipping, principalmente pela Europa e EUA, locais em que ele já é amplamente difundido. Na FEF-Unicamp o projeto de extensão da referida modalidade sempre tivera como intuito ensinar essa novidade esportiva aos seus participantes e, desse modo, propagá-la também pelo Brasil. No período em que estivemos à frente desse projeto verificamos alguns aspectos com relação ao ensino do Rope Skipping que julgamos ter sido fundamental para que o nosso trabalho fosse bem sucedido. Um desses aspectos se refere à eficácia do modo como oferecíamos as dicas – mecanismo útil para auxiliar na atenção seletiva do aluno dentre uma gama de informações dadas – no ensino dos vários saltos realizados com a corda pelos praticantes. Pretendemos nesse trabalho relatar nossa experiência no que diz respeito a esse aspecto em específico. Tal relato se pauta na análise dos relatórios das catorze primeiras aulas ministradas pelos dois professores do projeto durante o segundo semestre de 2004. Cada uma dessas catorze aulas tinha a duração de uma hora, a frequência de duas vezes por semana e foram realizadas no ginásio da própria FEF-Unicamp. O número de participantes do projeto nesse período foi de vinte e cinco, sendo a maioria alunos dos mais variados cursos da própria Unicamp e sem nenhum conhecimento prático sobre o Rope Skipping. O modo particular com que costumávamos oferecer nossas dicas respeitava alguns procedimentos. Primeiramente, ao ensinar um novo salto, demonstrávamo-lo algumas vezes e solicitávamos aos alunos que executassem-no da maneira que tivessem entendido, sem se preocuparem com a rigorosidade dos detalhes. A partir do que os aprendizes desenvolviam individualmente, voltávamos a apresentar o salto específico, porém agora, por etapas. Era comum também realizarmos essa fase do ensino sem a utilização das cordas, a fim de que o aluno compreendesse melhor a execução completa do movimento. Retomando a corda, cuidávamos então de intervir questionando o aluno em que parte do exercício ele estava errando, a fim de levá-lo a identificar a sua falha e, desse modo, ele próprio corrigir-se. Somente quando o aluno não identificava o seu erro é que oferecíamos as devidas dicas e pistas voltando sua atenção para determinado segmento corporal. Tais dicas eram dadas da forma verbal, sinestésica ou fazendo uso da imitação; isso variava de acordo com cada caso. Depois de oferecida a dica, o aluno tinha um tempo para repetir o mesmo movimento já com a atenção voltada para o momento falho da execução. Com isso, a utilização da dica nessas condições permitia uma percepção do aluno àquilo que ainda lhe faltava. Contudo, podemos afirmar que, geralmente, não apontávamos o problema – muito menos a solução – diretamente ao aluno; preferíamos, antes, induzi-lo a uma reflexão de qual seria a dificuldade existente para a realização daquele movimento em específico. Como resultado, entendemos que a nossa opção por esse tipo de conduta pedagógica em relação ao oferecimento das dicas tenha sido proveitosa, pois levou também em conta a formação global do indivíduo, indo além da exclusiva construção de um atleta.